

SUBMISSA OU EMANCIPADA? COMO A VIOLÊNCIA ATRAVESSA A PERSONAGEM ARLEQUINA NA INDÚSTRIA CULTURAL (1992-2021)

Renata Santos Maia
Pós-doutoranda em História - Unimontes
renatasantosmaia@yahoo.com.br

Fernando Rodrigues Oliveira
Mestre em Desenvolvimento Social – Unimontes
fernandocine7@gmail.com

Introdução

A Arlequina possui uma emblemática trajetória na indústria cultural. Criada no início da década de 1990, de maneira desprezível, para ser um espécie de assistente/namorada do Coringa em um desenho animado, ela passou a ser percebida, curiosamente, como um ícone de poder e emancipação feminina no século XXI, imagem que esta pesquisa tem o objetivo problematizar. A personagem possui um comportamento que oscila entre o infantilizado e o sensual e ficou conhecida pelo conturbado relacionamento vivido com o Coringa, onde é constantemente submetida a situações de violência.

Nossa discussão perpassa algumas obras audiovisuais e literárias como os filmes sobre o *Esquadrão Suicida* lançados em 2016 e 2021, o filme *Aves de Rapina: Arlequina e Sua Emancipação Fantabulosa* (2020), alguns episódios da série animada para o público adulto, lançada pela HBO Max em 2019, e episódios de algumas histórias em quadrinhos.

A abordagem metodológica empregada nesta pesquisa foi a revisão bibliográfica e a análise de cenas das mídias mencionadas – tendo como fundamento teórico os estudos feministas e de gênero, e a literatura que articula cinema, história e gênero, principalmente a partir de Teresa de Lauretis (1994) que compreende o gênero como produto de diferentes tecnologias sociais – entre as quais está o cinema –, e também dos discursos e das práticas da vida cotidiana.

A violência de gênero no relacionamento entre Arlequina e Coringa

A personagem Arlequina surgiu em um contexto pós Guerra Fria (1947-1991), com crises econômicas e políticas eclodindo em todo o mundo – a queda da União Soviética, a reunificação alemã, a Guerra do Golfo, as crises de hiperinflação na América Latina e a adoção do neoliberalismo como modelo econômico na maior parte do ocidente estão entre os acontecimentos marcantes desse final do século XX.

Havia, portanto, uma descrença generalizada nas instituições e na capacidade das lideranças em encontrar soluções plausíveis para promover o bem-estar social. Assim, tais crises políticas e as tensões sociais provocaram fissuras no sentimento de coletividade e um certo desencantamento com as figuras de autoridade. A metrópole Gotham City¹, onde habita Arlequina e tantas outras personagens da *DC Comics*, nada mais é que a manifestação fictícia desses diversos dilemas. Uma cidade caótica, com altos índices de criminalidade, dominada por mafiosos e onde o Estado perdeu o controle, Gotham é a personificação urbana das mazelas enfrentadas pela sociedade.

Para Hobsbawm (1995, p. 328), “A revolução cultural de fins do século XX pode assim

¹ Gotham City é criada para os quadrinhos também em um momento de crise, no ano de 1929, após a queda da Bolsa de Nova Iorque, e desde então nunca deixou de ser essa cidade sombria que abarca os diversos problemas sociais próprios das grandes metrópoles.

ser mais bem entendida como o triunfo do indivíduo sobre a sociedade, ou melhor, o rompimento dos fios que antes ligavam os seres humanos em texturas sociais”. No universo das histórias em quadrinhos, isso é demonstrado através da dimensão cada vez maior que os anti-heróis e anti-heroínas² assumem nas tramas. Mais próximos da vida real, eles estão longe de querer salvar o mundo, enfrentam dilemas morais, problemas existenciais, insatisfação para com os papéis sociais, como membros de uma família ou com a falta de perspectiva em face do futuro – e por um acúmulo de tais fatores acabam por cometer erros e a assumir uma postura questionável –, nada diferente do que qualquer pessoa possa estar sujeita.

Em sua versão cinematográfica, assim como nos quadrinhos e no desenho animado, a Arlequina segue essa tendência apontada por Hobsbawm (1995) sobre o perfil cada vez mais individualista que as pessoas passam a assumir dentro da sociedade a partir do final do século XX. Seu foco está quase sempre voltado para satisfazer os próprios desejos ou para agradar o parceiro de crimes, Coringa. Além disso, ela configura-se como uma anti-heroína separada da categorização de vilã por uma linha bastante tênue, visto que traz em si diversos traços de maldade e egoísmo, mas com ligeiras manifestações de consciência.

A personagem fez sua estreia no cinema com o filme *Esquadrão Suicida* (2016), no qual foi bastante erotizada, não só no figurino, mas em diversas cenas - dentre as quais uma em que ela lambe, diante de um agente penitenciário, a barra da cela na qual está presa, evocando o sexo oral masculino. Neste mesmo filme, outra cena, que faz parte das lembranças da Arlequina, mostra o Coringa aplicando eletrochoques nela, que aceita essa situação como uma das provas de confiança e afeto que ele está constantemente cobrando dela.

Em 2021, um novo filme sobre *O Esquadrão Suicida* foi lançado. Nele vemos surgir uma Arlequina menos extravagante nas atitudes e demonstrando ter mais consciência em relação aos abusos emocionais e físicos já sofridos por parte dos homens que passaram por sua vida, tanto que a tatuagem nas suas costas – que no filme de 2016 apresentava os dizeres “Propriedade do Coringa” (*Property of the Joker*) – foi modificada para “Propriedade de ninguém” (*Property of no one*).

Além disso, no momento em que dispara contra Sílvia Luna, o novo ditador de Corto Maltese (palco da trama), que havia lhe pedido em casamento momentos antes, Arlequina revela ter prometido a si mesma prestar atenção aos sinais de alerta que remetesse ao relacionamento abusivo vivido com o Coringa. Por isso, ela não hesita em assassinar o quase futuro marido quando ele anuncia suas intenções de poder, que incluíam matar e torturar crianças, caso fosse necessário.

Em relação ao figurino, a personagem passa a maior parte deste filme com um vestido vermelho (à la Evita Perón), de cintura bem marcada, a princípio longo e depois rasgado na altura dos joelhos, mostrando parte da coxa, que não chega a ser tão apelativo sexualmente quanto o figurino do primeiro filme sobre o Esquadrão Suicida - embora carregue certa sensualidade. A escolha do vestido vermelho para protagonizar uma história que se passa em uma ilha situada na América Latina também produz o sentido de associar esse espaço geográfico a elementos que remetem à passionalidade.

Por ser essa personagem multifacetada e complexa, com um lado sombrio, mas ao mesmo tempo incoerente e divertida, sedutora e pueril, a Arlequina conseguiu capturar um público diverso. Aproveitando-se disso, o filme *Aves de Rapina* resolveu agregar à personagem também uma imagem de mulher “emancipada”. Porém, identificamos uma omissão quanto às discussões mais aprofundadas que a produção poderia suscitar, principalmente sobre a questão dos relacionamentos abusivos e tóxicos experienciados pela própria Arlequina e por uma parcela considerável do público feminino.

Quem acompanha a trajetória das personagens através dos quadrinhos e do desenho animado tem conhecimento do quão violento é o relacionamento entre Arlequina e Coringa.

² [...] a figura do anti-herói que, mesmo sendo comumente confundido e denominado como vilão, diferencia-se por apresentar traços de um ser deslocado das regras sociais e que, com inteligência, criatividade e desonestidade, busca sobreviver às adversidades presentes nas suas aventuras e nas narrativas fantásticas (NEVES, 2010, p. 3).

Em diversos momentos o vilão bate, ofende, hostiliza, quer matar ou pratica algum tipo de abuso psicológico contra ela. No entanto, em *Aves de Rapina*, diretora e roteirista preferiram não evidenciar, de forma mais contundente, a importância de ela ter rompido com essa relação tão doentia.

Neste filme, a Arlequina direciona muito da sua energia para superar o fim da relação com o Coringa. O relacionamento abusivo que ela mantinha com o palhaço do crime é rompido, mas porque ele perde o interesse, e não o contrário. Tanto que enquanto ela narra sua versão sobre o término, como se tivesse sido uma decisão madura e bem pensada, as cenas mostram o contrário do que ela está dizendo, evidenciando o seu desespero e inconformidade com a ruptura. Só depois de perceber que havia virado motivo de chacota no circuito social em que transitava é que ela decide aceitar e seguir em frente, ou seja, não foi a autorreflexão que a fez assumir para si mesma o término, mas a imagem que as outras pessoas estavam fazendo dela. Então, para simbolizar o término, ela destrói, em uma grande explosão, a *Ace Chemicals*, local onde selou seu romance com o ex-companheiro. A partir daí, Arlequina trava uma luta diária para se livrar dos vários desafios acumulados ao longo do tempo em que foi parceira do Coringa.

O site inglês *WhatCulture*, especializado em cultura *pop* hollywoodiana, publicou, em 2019, um artigo de Andrew Young intitulado *10 Worst Things The Joker Has Ever Done To Harley Quinn*³ (As 10 Piores Coisas que o Coringa já fez para Harley Quinn), quando elencou uma lista com passagens da vida do casal Coringa e Arlequina que ilustram a condição de uma relação extremamente destrutiva e violenta. Cabe ressaltar que as agressões são cometidas por ambos os lados, mas é preciso considerar a condição da persona Arlequina, na verdade, como uma criação do Coringa.

A Dra. Harleen Frances Quinzel era a psiquiatra que cuidava do vilão quando este encontrava-se internado no *Arkham Asylum*, hospital psiquiátrico fictício famoso nos quadrinhos da *DC Comics*. Durante o tratamento, o Coringa consegue seduzi-la, ela se apaixona e o ajuda a fugir do hospital por diversas vezes. Em uma de suas recapturas, o Coringa retorna ao hospital bastante machucado, após um confronto com o Batman. A Dra. Harleen, extremamente apaixonada, não suporta ver a imagem desoladora do vilão, tem um acesso de loucura e, mais tarde, invade o local para libertá-lo. Ela abre mão de tudo, carreira e vida pessoal para viver com ele, e se transforma na Arlequina, sua fiel escudeira. “Assim, ela abandona totalmente sua antiga vida para viver em prol da vida do homem, para adotar o alter ego que ele lhe designou, deixando de ser a doutora Harleen Quinzel para se tornar Arlequina (Harley Quinn)” (BARBOSA, 2018, p. 13).

Em *Aves de Rapina* (o filme), mesmo ressaltando em diversas ocasiões que possui doutorado em psiquiatria e que era a mentora das grandes conquistas do Coringa, Arlequina demonstra que, ainda assim, não tinha seu mérito reconhecido, tanto que afirma: “Por trás de todo homem de sucesso existe uma mulher ‘fodona’”. E as imagens em animação, que remetem às recordações que ela tem dos momentos que passaram juntos, mostram o Coringa recebendo o reconhecimento pelo trabalho dela – entretanto, com as qualificações destacadas por ela mesma, não seria necessário viver na sombra do companheiro.

E aqui cabem mais questionamentos à abordagem que o filme traz em relação às lembranças ruins que a Arlequina tem do relacionamento. Em um dos raros momentos em que o longa-metragem faz referência aos abusos perpetrados pelo Coringa, a evocação dessa situação, em que ele a desmerece e maltrata, é apresentada em forma de animação, o que acaba por amenizar a violência ali preconizada.

Essa anulação de si em nome da realização amorosa e a idealização do parceiro são dispositivos bastante recorrentes em diversos tipos de mídias, e percebemos que essa situação está presente tanto na versão em quadrinhos quanto na versão cinematográfica desse romance. No filme *Esquadrão Suicida* (2016) – em um breve momento de devaneio provocado pelos poderes da personagem Magia⁴ – Arlequina se imagina em um modelo

³ Disponível em: <https://whatculture.com/comics/10-worst-things-the-joker-has-ever-done-to-harley-quinn>. Acesso em 12 fev. 2021.

⁴ Neste filme, a bruxa Magia tem o poder de enganar seus inimigos distraíndo-os através da criação de uma realidade mental que utiliza os desejos mais escondidos de cada um/uma.

tradicional de família: casada, com filho e um marido carinhoso que, aparentemente, é quem provê o sustento da casa, já que ele aparece vestido de terno, com uma postura corporal de quem está se despedindo para sair, enquanto ela está segurando um bebê e o cabelo está preso com acessórios para modelar as mechas, dando a impressão de que vai permanecer em casa. Essa é uma cena que reforça, mais uma vez, a dicotomia que associa as mulheres ao âmbito privado e os homens à esfera pública.

Constatamos, assim, que essa associação mulheres/casamento/felicidade e seu destino inexorável como senhoras do lar é alimentada por um contínuo interdiscurso - presente nos filmes, na literatura, na publicidade e tantas outras mídias da indústria cultural, ora de forma explícita, ora de maneira velada – que aponta o matrimônio e a manutenção de um parceiro como um caminho seguro para a realização feminina (MACHADO, 2013).

E mesmo não se comportando como esse companheiro idealizado pela Arlequina, o Coringa foi, por muito tempo, o centro da sua atenção. Nos quadrinhos e no desenho animado a relação entre ambos é caracterizada por muitos abusos, tanto físicos quanto psicológicos. Segundo Young (2019), alguns dos episódios envolvendo o casal apresentam situações realmente desconfortáveis e abusivas. Nos quadrinhos *Injustice*, a Arlequina revela que engravidou do Coringa. Sabedora de que ele não seria um bom pai para a criança, ela se afasta dele, a fim de prosseguir com a gestação e ter o bebê em segredo, longe do pai. Após o nascimento, a criança é deixada com a irmã de Harley, que a cria como filha. Após um ano, a Arlequina retorna para o Coringa, que revela não ter percebido que ela havia saído por tanto tempo. “Está longe de ser a pior coisa da lista, mas é o tipo de negligência emocional que define o dia a dia do relacionamento de Coringa e Arlequina. O Coringa só tem olhos para uma pessoa, e essa é o Batman” (YOUNG, 2019, p. 2).

Prosseguindo com a lista, Young conta que o Coringa, exigindo uma prova de sua total lealdade, atirou a Arlequina no mesmo tanque de produtos químicos em que ele havia caído no passado – e que acabou embranquecendo a sua pele e mudando a cor de seu cabelo de forma definitiva. Essa cena foi reformulada no filme *Esquadrão Suicida* (2016), criando uma atmosfera de romantização que é, inclusive, embalada pela música *Gangsta*, da cantora de hip-hop Kehlani, cuja letra reforça a submissão da Arlequina ao sadismo do Coringa, como pode ser constatado no seguinte trecho: “Preciso de um *gangster* para me amar mais do que todos os outros amam. Para sempre me perdoar, me acompanhar ou morrer comigo. Isso é o que os *gangsters* fazem. Estou ferrada, estou cheia de hematomas. Eu fui feita para isso, para todos os abusos.”⁵ (KEHLANI, 2016, tradução nossa).

Na publicação intitulada *Mad Love* (Louco Amor), pertencente a *The New Batman Adventures* (1993), a Arlequina, para provar o seu sentimento e agradar ao Coringa, acaba por aprisionar o Batman, a fim de matá-lo. Antes de conseguir o seu intento, com o Homem-Morcego amarrado e dependurado sobre um tanque cheio de piranhas, o Coringa chega ao local e descobre o plano, tendo, logo em seguida, um ataque de fúria, já que achou uma falta de respeito não ter sido ele próprio o arquiteto daquela ideia. Só ele poderia matar o Batman. Percebendo a fúria do namorado, a Arlequina se afasta dele, pegando um grande peixe-espada para usar como defesa. “O Coringa simplesmente agarrou-o dela e o usou como um porrete para derrubá-la de uma janela. Havia uma pilha de lixo abaixo que amorteceu sua queda, mas Arlequina estava gravemente ferida.” (YOUNG, 2019, p. 4). Vale lembrar que eles se encontravam em um prédio de vários andares, e a queda se deu de uma altura considerável.

Em um dos episódios da linha editorial Novos 52 da DC, mencionada por Young, após supostamente ter sido morto, o Coringa desaparece por uns tempos. A Arlequina, então, acreditando que ele havia morrido, passa a integrar o Esquadrão Suicida, conhece novos amigos e se aproxima do Pistoleiro, um colega de equipe. Ao retornar, o Coringa não fica nada satisfeito com a “independência” da Arlequina. Após ameaçar matar os seus novos companheiros do Esquadrão, ela é convencida a acompanhá-lo. Em um ato de extrema crueldade ele a espanca, a mutila e a enforca com uma corrente, tentando matá-la. “Quando

⁵ *I need a gangsta to love me better than all the others do. To always forgive me, ride or die with me. That's just what gangsters do. I'm fucked up, I'm black and blue, I'm built for it, all the abuse.*

tudo isso falhou, Coringa a arrastou para um porão e a acorrentou a uma parede. Ele, então, mostrou a ela o resto da masmorra, que estava cheia com os cadáveres de suas ‘outras Arlequinas’, todas vestindo a mesma roupa que ela” (YOUNG, 2019, p. 5). Tal ato serviu para demonstrar à Arlequina que ela era apenas mais uma, e que não deveria se sentir especial e insubstituível na vida do Coringa.

Apesar de todas essas passagens – contidas em episódios das HQs e nas séries de animação – recheadas de atitudes inconsequentes e insanas de uma relação absolutamente destrutiva, o filme *Aves de Rapina* não se comprometeu com a abordagem concreta e explícita de um debate tão urgente e necessário como o dos relacionamentos abusivos, e muito menos explora as cicatrizes e traumas que permanecem no pós término.

Aliado a isso, o filme ainda reforça alguns estereótipos de gênero como quando Arlequina – através de uma performance musical caracterizada de Marilyn Monroe – reproduz a famosa frase da atriz hollywoodiana na qual assegura que “Os diamantes são os melhores amigos de uma mulher”, e na sequência enfatiza que são os homens que devem dá-los de presente às mulheres, e não o contrário, como ela havia feito no passado. Em outra passagem, ela dá “conselhos” à Cassandra Cain, afirmando que “[...] se quiser o respeito dos garotos, precisa demonstrar que é séria. Exploda alguma coisa, atire em alguém. Nada atrai a atenção dos homens como a violência”.

Além desses discursos questionáveis a respeito dos papéis e das construções de gênero, que associam as mulheres ao consumo de artigos caros e os homens às práticas violentas, existem cenas cujo sentido parece nebuloso dentro da trama, como na passagem em que Arlequina e Cassandra são perseguidas por uma “Frida Kahlo” furiosa e mercenária. Apesar de ser uma tentativa de referência ou crítica ao feminismo, já que Arlequina a chama de imbecil (*asshole*) e depois a explode com uma dinamite, não fica clara a intenção da diretora ou da roteirista, e a referência acaba se perdendo sem uma função dentro da sequência cênica.

Conclusões

Por possuir muitas versões e formatos midiáticos, além de existir em universos paralelos para além da DC Comics, o comportamento da Arlequina segue oscilando entre ser uma mulher submissa ou emancipada dependendo dos interesses de quem está por trás da elaboração desses produtos culturais. Na versão animada para o público adulto da HBO Max, a Arlequina não só rompe com o Coringa, mas toma consciência dos abusos sofridos. Nesta série animada, o maior foco está no relacionamento entre Arlequina e Hera Venenosa, deslocando assim o sujeito masculino do centro de sua atenção e também da trama.

Enquanto isso, *O Esquadrão Suicida* de 2016 não só romantizou a violência praticada pelo Coringa contra a Arlequina como também objetificou a personagem em diversos momentos. No filme de mesmo nome, lançado em 2021, ainda que a personagem tenha sido retratada de maneira mais consciente dos abusos sofridos, ela permaneceu associada a uma certa passionalidade e sensualidade no modo de vestir, tanto que é a única integrante do esquadrão que possui um traje pouco propício para as lutas corporais que vai travar, uma vez que o vestido vermelho de cintura bem marcada não oferece compartimentos para encaixar armas ou qualquer proteção para o corpo.

Já o enredo de *Aves de Rapina* nos mostra um seleto grupo de mulheres comprometidas com seus interesses pessoais e cujas ações nada contribuem para combater a estrutura sistêmica patriarcal, nem dentro do filme e, muito menos, fora dele. Com isso, apenas parte do debate sobre as opressões contra as mulheres é apropriada para gerar publicidade e bilheteria, mas não há uma problematização efetiva sobre a gênese dessas opressões e os mecanismos de manutenção da dominação exercida sobre o gênero feminino, que objetificam e violentam os corpos das mulheres.

Referências bibliográficas

BARBOSA, Taynah Ibanez. *O Amargo Amor de Arlequina: Representação da Submissão Feminina Presente na Coletânea Louco Amor e Outras Histórias*. 5º Jornadas Internacionais de Histórias em Quadrinhos - Sessão Quadrinhos, Linguagens e Gêneros. 2018. Disponível em: <http://www2.eca.usp.br/anais2ajornada/anais5asjornadas/q_linguagem/taynah_barbosa.pdf>. Acesso em 10 jan. de 2021.

DE LAURETIS, Teresa. A Tecnologia do gênero. In: HOLLANDA, Heloisa Buarque de. *Tendências e impasses: o feminismo como crítica da cultura*. Rio de Janeiro: Rocco. 1994.

HOBBSAWM, Eric. *Era dos Extremos: o breve século XX 1914-1991*. São Paulo: Companhia das Letras, 1995.

JOKER'S FAVOR (Temporada 1, ep. 22). *Batman: The Animated Series* [série animada]. Direção: Boyd Kirkland. Roteiro: Paul Dini. Produtora: Warner Bros. Estados Unidos: 1992. DVD (22 min.), son., color.

YOUNG, Andrew. *10 Worst Things The Joker Has Ever Done To Harley Quinn*. Artigo. Site WhatCulture. Disponível em: <<https://whatculture.com/comics/10-worst-things-the-joker-has-ever-done-to-harley-quinn>>. Acesso em 12 fev. 2021.